

**Rodrigues Sampaio e a Revolução de Setembro**, Conferência apresentada por José Manuel Tengarrinha (UL/FL)\* – Recensão, por Álvaro Costa de Matos.

José Manuel Tengarrinha (JMT) iniciou a sua comunicação com algumas notas históricas sobre o envolvimento de António Rodrigues Sampaio (ARS) no jornal *Espectro*, jornal que lhe deu grande notoriedade pública, quer no país quer no estrangeiro. Esta notoriedade adveio sobretudo da forma clandestina como o jornal era distribuído, mesmo junto dos ministros visados, que não raras vezes deparavam com o *Espectro* nas suas secretárias, à espera de ser lido! Cumpria-se assim o que ARS declarara no seu editorial, pois o *Espectro* representaria “a sombra das vítimas” que acompanharia sempre os “seus assassinos e opressores”, leia-se os ministros do Cabralismo.

A actividade jornalística de ARS é, porém, anterior, tendo lançado a *Vedeta da Liberdade*, entre outras colaborações. Também exerce cargos administrativos, o que, segundo JMT, foi muito importante e útil, pois permitiu-lhe conhecer de perto a realidade sobre a qual mais tarde legislaria.

A fama de ARS leva José Estêvão a convidá-lo para colaborar n’*A Revolução de Setembro*. O jornal, então com cerca de 50 assinantes, começa, com os artigos de ARS, mas sobretudo com os seus editoriais, a ter uma projecção até aí desconhecida, e rapidamente chega aos 1000 assinantes, o que para a época era muito significativo. E também rapidamente se transforma no jornal mais importante e influente do Liberalismo. Um sucesso que se traduziu também nos 61 anos de edição regular d’*A Revolução de Setembro* (1840-1901), o que não deixa de constituir um caso único na história da imprensa periódica portuguesa, pois a vida dos jornais era, regra geral, muito fugaz.

ARS encarna, nas palavras de JMT, o “ideário romântico da imprensa”, pela paixão que o jornalista punha no debate, na polémica, pelos acesos editoriais que escrevia – caso singular na história do Romantismo que, como salientou JMT, não é apenas uma corrente literária. O Romantismo tem diversas manifestações: na política, manifesta-se com Passos Manuel; na oratória, com José Estêvão; e na imprensa, com ARS, figura singular do jornalismo doutrinário.

N’*A Revolução de Setembro* é possível identificar 3 correntes políticas: a *ordeira*, liderada por Almeida Garrett; a *moderada*, isto é, ligada à esquerda moderada do Setembrismo, liderada por José Estêvão; e a *radical*, liderada pelo partido popular, os clubes e a imprensa radical.

Com a radicalização da vida política portuguesa, a partir de 1846/47, o jornal também se radicaliza, linha que manterá até ao golpe da Regeneração, em 1851. O tema principal nas páginas d’*A Revolução de Setembro* é a luta contra a ditadura administrativa e parlamentar de Costa Cabral. Durante esta fase, que JMT classifica de pré-Regeneração, o jornal ainda apresenta muitas deficiências técnicas. E é também nesta fase que o jornal sofre muitas

---

\* Conferência apresentada no âmbito do Ciclo de Colóquios: **António Rodrigues Sampaio, Jornalista e Político**, I Colóquio: **Rodrigues Sampaio, Jornalista e Panfletário**, 1.<sup>a</sup> Comunicação (19 de Outubro de 2006, Hemeroteca Municipal de Lisboa).

perseguições por parte das autoridades políticas e administrativas, ao ponto de, tal como acontecera com o *Espectro*, ter sido distribuído clandestinamente, durante cerca de 9 meses, antes do movimento da Maria da Fonte.

*A Revolução de Setembro* de ARS é, nesta altura, o centro activo da oposição ao Cabralismo, provocando com os seus editoriais “verdadeiros levantamentos de opinião pública”.

A partir de 1851, *A Revolução de Setembro* entra numa outra fase, indissociável da pacificação política que o país então conhece. ARS integra-se no Partido Regenerador, “domestica-se sob a regeneração”, e, com ele, a sua *A Revolução de Setembro*. O jornal inflecte para uma linha mais moderada. ARS não perde a sua atitude de grande polemista mas dedica-se sobretudo a “pensar Portugal”. Não o Portugal das permanentes lutas políticas, da intriga, das tricas domésticas, mas o Portugal que se pretende desenvolver e modernizar, numa Europa em franco progresso económico e material. É neste contexto que aparecem, n’*A Revolução de Setembro*, vários artigos, ou melhor, editoriais, muitas vezes a ocupar integralmente a primeira página do jornal, que reflectem o seu pensamento político reformador, com grande eco na opinião pública portuguesa.

O pensamento reformador de ARS, de acordo com JMT, incide em 3 questões fundamentais: o problema da descentralização administrativa e o municipalismo – que se traduziria no Código Administrativo de 1878, que a República adoptaria e que, com pequenas alterações, se manteria até 1940, quando o Estado Novo avança com um código profundamente centralizador; o problema da instrução popular pela escola; e, por último, o problema da educação pelo associativismo mutualista. Foram estas as principais batalhas de ARS nos últimos anos da sua vida.

Lisboa, 23 de Outubro de 2006.